

MUSEU DA PESSOA

História

Terra Adorada

História de: [Eduardo Gonçalves Bôlla](#)

Autor: [denise arena santana](#)

Publicado em: 06/11/2012

História completa

Eduardo nasceu em Santa Eulália de Oliveira, Portugal, por volta de 1886. O mês e o dia de seu nascimento foram esquecidos pelo menino que chegou nos "Estados Unidos do Brasil" aos dez anos de idade, acompanhado de um tio, com passaporte datado de 21/02/1896. Como todas as crianças das redondezas de Braga, Eduardo caminhava para a escola e o caminho era longo. Todos os dias, na ida e na volta, se sentava sob a sombra de uma figueira para descansar e pedir a Deus que lhe permitisse ir morar no Brasil. Tal vontade inexplicável de conhecer um mundo tão distante, enchia sua alma de vida, alegria e sonhos que só uma criança ingênua e inocente consegue ter. Aos 10 anos suas preces foram atendidas. Sua família decidiu que ele partiria para o Brasil em companhia do tio, para ajudá-lo nos serviços e tarefas. Os pais de Eduardo e talvez também irmãos se juntariam a eles algum tempo depois. A viagem de navio era difícil, mas trazia esperanças de uma vida melhor. Recém-chegados na Fazenda Pedemeiras, estado de São Paulo, antes mesmo de conseguirem se comunicar com os que ficaram no "Reino de Portugal", um infortúnio, daqueles que pegam qualquer um de surpresa, aconteceu: seu tio faleceu abrupta e inesperadamente. Desamparado, só, desalojado, o menino ficou e resistiu. Seu sonho, mesmo que por caminhos tortuosos e assustadores, tinha se realizado. Ele foi obrigado a criar suas próprias raízes, bem aqui, neste nosso chão. Formou família, mas nunca mais viu seus pais, tampouco teve notícias deles. Questões emergem no meio familiar. Será que seus pais viriam mesmo? Meu bisavô não trouxe, perdeu ou simplesmente não havia registro de nascimento naquela época? Por que a data de seu nascimento não consta de sua certidão de casamento, mas aparece no título de eleitor como sendo 28/10/1885? Como ele conseguiu preservar seu passaportes sendo apenas um menino? Por que trocou, em sua certidão de casamento, o sobrenome paterno Bôlla, que consta de seu passaporte, por Couto, que era de sua mãe quando solteira? Por que não tentou, por meio de conhecidos, patrícos, amigos, se reunir com seus familiares Portugueses? Culpamos a pobreza e a precariedade dos meios de informação e comunicação do fim do século XIX e dos primeiros anos do século XX, mas temos a impressão que, por causa de seu amor pelo Brasil, declarado em suas preces e contado de geração em geração, ele tenha deixado isso sempre para depois, encarando a tristeza da perda como um reinício de vida, uma forma de renascimento. O tataravô de meus filhos não apenas sobreviveu. Ele viveu, estudou, cresceu, tornou-se homem adulto engajado politicamente, casou-se, teve sete filhos, tirou seu título de eleitor em 19/11/1957! Ele formou uma grande família, muitos ainda residem aqui. São os Gonçalves, os Coutos, parte dos Clementinos, Paines, Arenas, Carvalhos e Barros, alguns de seus descendentes. Carroceiro de profissão, residiu na casa da cerâmica, com meus avós e sua família. Ficou acamado e sempre de pijama nos seus últimos dias. Foi lá que o conheci e me lembro do dia de sua morte - não da data - eu só tinha quatro anos, mas lembro de suas meias marrons e de tias me aconselhando a beijar seus pés para não sonhar com aquele triste momento à noite. E deu certo! Para um menino "quase órfão", ele deixou boas marcas na cidade. Foi reconhecido por seu caráter, honestidade e trabalho. Foi dono de uma olaria no final da rua 15 de Novembro, no caminho para o Castelo Furlani. Na maçonaria foi aclamado "Venerável de Honra" como registra o livro "A maçonaria em Pedemeiras". Seu nome foi citado nas páginas 94,97,101,106 e 116. "Geneticamente falando", ele pode ser responsável por somente 1/8 de minha constituição, ou 1/16 da de meus filhos. Isso na verdade não me importa. O que conta é que ele é o antepassado com quem mais me identifico. Amo outras culturas, povos, lugares, comidas, línguas... Paixões que carimbaram meu DNA, certamente adquiridas do menino vindo do além-mar. Em Janeiro próximo, se Deus permitir, minha filha e eu, munidas de toda, na verdade, escassa documentação "xerocada", partiremos para Portugal e ficaremos 3 dias em Braga tentando decifrar um pouco deste enigma familiar que me fascina. Iremos a cartórios, pesquisaremos listas telefônicas, conversaremos com moradores idosos e muito provavelmente visitaremos cemitérios. Sim, já consultamos o Google, Facebook, etc. Há muitos Gonçalves e Coutos, mas um ou outro Bôlla em outros países. Até resumi esta história em um e-mail que enviei para um cartório em Braga, sem nenhuma resposta até agora. Antes de viajar tentaremos obter mais informações através do Consulado ou Embaixada de Portugal no Brasil. Ainda não deu tempo. Levei 51 anos para colocar esta história no papel. Quando jovem, antes de fazer intercâmbio para os EUA, mas já com data marcada ir, não conseguia contá-la sem chorar. Achava, lá no fundo, que o mesmo aconteceria comigo, que ficaria perdida lá pelas bandas da América do Norte. Mas sabe de uma coisa? Eu voltaria para cá. De alguma forma, o amor que ele sentia pelo Brasil contagiou-me, pois é aqui que sou quem sou. Através das pessoas que amo, das que conheço, dos amigos queridos, dos vizinhos, do meu cantinho neste mundo... é que me reconheço. O pertencer a este lugar, a identificação com este pedaço do mundo, a identidade cultural e social com a vida aqui, do modo como ela foi, é e será, são coisas que nunca poderão ser tiradas de mim. Sei que existem muitas histórias como esta. Escreva uma sobre tua família. Eu gostaria de lê-la.